

# *O tempo e a espera*

*El tiempo y la espera*



COLETÂNEA | Colección  
PEDRO CASALDÁLIGA  
*IN MEMORIAM*

Dom Pedro Casaldáliga Mestre da Cultura  
Lei Aldir Blanc: Edital Conexão Mestres da Cultura nº 4/2020/  
Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso  
(Secel-MT) TCE nº 03 – Dezembro/2020

EQUIPE DO PROJETO DE PUBLICAÇÃO DE OBRAS INÉDITAS,  
EM EDIÇÃO BILÍNGUE, DE DOM PEDRO CASALDÁLIGA  
Equipo del proyecto para la publicación de obras inéditas,  
en edición bilingüe, de Dom Pedro Casaldáliga

CONCEPÇÃO, PESQUISA E COORDENAÇÃO GERAL  
Concepción, investigación y coordinación general  
Marinete Luzia Francisca de Souza  
Célia Maria Domingues da Rocha Reis

Pesquisadora colaboradora e gestão de recursos financeiros e desembolso  
Pesquisadora colaboradora y gestión de recursos económicos y desembolso  
Tereza Ramos de Carvalho

Pesquisador colaborador | Investigador colaborador  
Vinícius Carvalho Pereira

Divulgação | Divulgación  
Lucy Miranda do Nascimento

Mídias sociais | Redes sociales  
Júlia Tinan Dornelles

Pedro Casaldáliga

# *O tempo e a espera*

*El tiempo y la espera*

TRADUÇÃO | TRADUCCIÓN  
Eric Nepomuceno

ILUSTRAÇÕES | DIBUJOS  
Cerezo Barredo



 **entrelinhas**

Cuiabá, 2022

Edição e design gráfico ~ Edición y diseño gráfico

**Maria Teresa Carrión Carracedo**

Tradução ~ Traducción · **Eric Nepomuceno**

Versão de textos para o espanhol ~ Traducción de textos para español

**Ricardo Manuel Carracedo Cereijo**

Revisão da tradução ~ Revisión de la traducción

**Marinete Luzia Francisca de Souza · Célia Maria Domingues da Rocha Reis ·**

**Tereza Ramos de Carvalho**

Revisão de textos introdutórios em português ~ Revisión de textos introductorios en portugués ·

**Marinaldo Custódio**

Diagramação ~ Maquetación · **Rafael Carracedo Ozelame**

Tratamento de ilustrações ~ Procesamiento de imagenes · **Evandro Henrique dos Santos**

Arte-finalização ~ Finalización del arte · **Maíke Vanni**

Produção gráfica ~ Producción gráfica ·

**Ricardo Miguel Carrión Carracedo**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Casaldáliga, Pedro, 1928-2020

O tempo e a espera = El tiempo y la espera / Pedro Casaldáliga ; tradução/traducción Eric Nepomuceno ; ilustrações/dibujos Cerezo Barredo. -- 1. ed. -- Cuiabá, MT : Entrelinhas Editora, 2022. -- (Pedro Casaldáliga In memoriam ; 3)

Ed. bilingue: português/espanhol

ISBN 978-65-86328-54-7

1. Poesia religiosa espanhola I. Título. II. Título: El tiempo y la espera. III. Série.

22-100357

CDD-861

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia religiosa : Literatura espanhola 861

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Impresso no Brasil ~ Impreso en Brasil

Reprodução proibida. Todos os direitos desta edição reservados para Entrelinhas Editora ~  
Prohibida la reproducción. Todos los derechos sobre esta edición estan reservados para Entrelinhas Editora



Av. Senador Metelo 3773 – Jardim Cuiabá • CEP 78.030-005 – Cuiabá, MT, Brasil

Distribuição e vendas ~ Distribución y ventas: +55 65 3624 5294

e-mail: editora@entrelinhaseditora.com.br | www.entrelinhaseditora.com.br

Aos pobres,  
aos mártires,  
aos contemplativos,  
aos militantes  
e aos teólogos  
da libertação,  
por quem e com quem  
-por Ele, com Ele e n'Ele-  
O tempo se faz cristão  
e a espera esperaçada.

A los pobres,  
a los mártires,  
a los contemplativos,  
a los militantes  
y a los teólogos  
de la liberación,  
por quienes y con quienes  
-por Él, con Él y en Él-  
el tiempo se hace cristiano  
y la espera esperanzada.



# Itinerário para ler *O tempo e a espera*

Pedro Tierra<sup>1</sup>

Brasília, 20 de novembro de 2021,  
quarenta anos depois  
da *Missa dos Quilombos*

Não é a primeira vez que passo por essa porta lateral. Aberta diretamente para a rua de terra e mangueiras. À direita de quem entra, fixada no tijolo exposto da parede, a imagem enquadrada, protegida por um plástico que defende do pó o *pôster* da primeira celebração da Missa dos Quilombos: a mão negra empunha uma cruz, sobre fundo vermelho. Anuncia o ato no Largo do Carmo, no Recife, em 22 de novembro de 1981.

E um remo Tapirapé.

Duas mesas. Ao centro, a maior rodeada por tamboretas rústicas com assentos de couro cru. À esquerda duas ou três cadeiras. Estruturas de metal, com apoio para os braços, sustentam um trançado de fibra plástica, flexível, colorida que oferece alívio e algum conforto à espinha curvada dos visitantes mais idosos...

---

1 Pseudônimo de Hamilton Pereira. É poeta nascido em Porto Nacional (1948), atualmente estado do Tocantins. Conviveu e escreveu com Pedro Casaldáliga a *Missa da Terra sem Males* (1979) e a *Missa dos Quilombos* (1981), *Ameríndia, Morte e Vida* (2000); outras produções do autor: *Poemas do povo da noite* (1979); *Água de Rebelião* (1983); *Dies Irae*. Oito testemunhos indignados e uma ressurreição (prefaciado por Pedro Casaldáliga, 1989); *A palavra contra o muro* (2013); *O porto submerso* (2005); *Pesadelo: narrativas dos anos de chumbo* (2019).

Do lado oposto, uma pequena mesa de trabalho. Sobre ela, papéis, o dicionário, a máquina de escrever e uma moringa de barro, com água fresca. Copos de alumínio brilham sobre guardanapos bordados. Por ali se moveram as mãos invisíveis da Irmã Irene. Discretas organizadoras de tudo.

Esta é a sala de audiências do Palácio Episcopal da Prelazia... Uma cortina de algodão protege a porta que dá para os aposentos do bispo. Aqui vive, escreve, reza e luta Pedro Maria Casaldáliga Plá. Poeta catalão, consagrado Bispo de S. Félix do Araguaia, em outubro de 1971.

O leitor deste *O tempo e a espera* terá razão se perguntar sobre o sentido desta descrição com que abro meu comentário ao itinerário poético que vamos cumprir.

Vamos conviver com uma poesia despida de ornatos. Como esta sala. Busca do primeiro ao último verso a transparência com que almeja se credenciar aos olhos do leitor. Legitimar-se pela escolha de cada palavra e do profundo vínculo com o testemunho quotidiano sobre a própria vida e o calvário dos “*damnès de la terre*” a quem o poeta busca dar voz e alento. Fiel à liberdade e à beleza, sem medo de selar compromissos entre a palavra e o gesto:

Manda teu verbo  
e nele habitarás  
no meio de nós.  
Tu és tua palavra.<sup>2</sup>

---

2 “Palavra guarani”, p. 168.



Numa conversa longa, durante os anos 90, ouvi de Pedro: “Eu pensei uma época em renunciar à poesia pelo apostolado. Nos últimos anos, eu venho assumindo a poesia por causa do próprio apostolado. Eu sou um pouco palavra. Os índios guaranis dizem “Tu és a tua palavra”. Se você examinar meus escritos verá que há algumas palavras permanentes, constantes. Uma delas é **palavra**; outras são: **morte, Deus, povo, terra e esperança**.”<sup>3</sup>.

Como tudo, Pedro vivia intensamente o desafio diário de escrever em condições precárias. Não renunciou ao talento para lidar com as palavras e os símbolos que soube esculpir com férrea vontade e disciplina.

[...] aí eu descobri que realmente eu era palavra. O poeta Joan Maragall dizia que poesia é a palavra emocionada. Acho a melhor definição. Depois de todas as retóricas e convenções literárias, se rima, se não rima, o que é poesia, o que é prosa, então... você lê ou escuta uma palavra emocionada e diz: “Poesia, não tem dúvida.” Um poeta cubano dizia que poesia que não ajude a motivar a vida não tem sentido. Eu desconfio, com todo o respeito, mas com certa suspeita, diante da poesia chamada pura, aquela que não se suja, não se compromete. Não sei..., excessivamente angélica para que seja uma poesia humana. Não digo que a poesia deve ser panfleto, assim como poesia religiosa não deve ser sermão, nem homilia, e poesia militante não deve ser comício,

---

3 AZEVEDO, Ricardo de; MAUÉS, Flamarion (orgs). D. Pedro Casaldáliga [entrevista realizada por Pedro Tierra em 1994]. In: *Rememória: entrevistas sobre o Brasil do século XX*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997, p. 387.

deve ser poesia. Poesia apaixonada, emocionada, atitude comprometida.<sup>4</sup>

Pedro não concebia uma poesia apartada da vida, narcisista, voltada sobre si mesma, alheia aos conflitos humanos que a cercam. Nesse sentido, reflete como um espelho a prática quotidiana de sua Pastoral à frente de uma “Igreja da Amazônia, em conflito com o latifúndio e a marginalização social”, como indica o título do documento divulgado no momento de sua consagração como Bispo de São Félix do Araguaia.

*O tempo e a espera* nos permite contemplar alguns espaços da fecunda vida interior deste homem profundamente votado à fé e à percepção mística do mundo. E lança luz sobre os generosos mananciais religiosos ou profanos da tradição onde o poeta se curva para beber a palavra tocante que nos oferece para além dos compromissos éticos e de fé que nunca abandona. Inspirações de Sto. Agostinho, em seu diálogo existencial com o divino.

“Ama-me mais, Senhor, para querer-te”.

Busca-me mais, para melhor achar-te.

Desassossega-me, por não buscar-te.

Desassossega-me, por reter-te.<sup>5</sup>

Submersas no verso, evocações de S. João da Cruz e Tereza de Ávila distantes no tempo, até a geração deslum-

---

4 Ibid., p. 387.

5 “Agostiniano”, p. 72.

brante da virada do século XIX para o século XX, Machado, Jiménez, Cernuda, Lorca... colhida pela mesma tempestade que marcaria definitivamente sua própria vida: a guerra civil espanhola.

No seu labor quotidiano malhando a palavra, Pedro não renuncia às exigências permanentes da poesia, aos compromissos com a beleza e a liberdade que lhe dão fundamento, que a diferenciam das outras expressões estéticas, literárias ou não.

Enquanto se entrega à convivência – no sentido radical da comunhão cristã – e ao trabalho de organizar a luta pela sobrevivência das comunidades indígenas, dos posseiros, peões que o cercam, Pedro, ao mesmo tempo, trabalha a palavra como quem tempera uma espada toledana... Busca alcançar a reta simplicidade da lâmina porque acredita com ela ferir o coração mesmo de quem lê.

Para comover e fazer pensar:

Acho que minha poesia é clara, até quase transparente, e não penso que por isso deixe de ser menos poesia. Evidentemente que a poesia não pode ser explicativa, deve sugerir, provocar.<sup>6</sup>

Ao percorrer os sonetos que abrem *O Tempo e a espera*, eu diria talvez para completar, a poesia deve causar espanto, para seduzir, encantar e incorporar-se à consciência como realidade vivida. Esse é o conhecimento da verdade necessário numa sociedade marcada pelo conflito.

---

6 AZEVEDO; MAUÉS, op. cit., p. 388.

Não o conhecimento que resulta da neutra observação da vida, mas aquele que exige de Pedro o compromisso com a profética denúncia de qualquer forma de violência e de negação da liberdade humana.

Mediterraneamente luminosa  
derramo em minha palavra cada coisa,  
taça de luz e água da verdade.

Se o Verbo se faz carne verdadeira,  
não creio na palavra que adultera.  
Eu faço profissão de claridade.<sup>7</sup>

Naquele sentido profundo de que a poesia sabe ser,  
de alguma forma, a face impossível da verdade...

Se cedeis diante do Império  
a Esperança e a Verdade  
quem proclamará o mistério  
da inteira Liberdade?

Se o Senhor é Pão e Vinho  
e o caminho por onde andais,  
se ao andar se faz caminho  
que caminhos esperais?<sup>8</sup>

---

7 “Claridade”, p. 56.

8 “Perguntas para subir e descer o Monte Carmelo”, p. 92.

Abrir os “Salmos” para dialogar com os versos do poema central da geração de 98:

*Caminante, no hay camino,  
se hace camino al andar,*

a partir de um país submetido aos desígnios do Império, desafiado a inventar caminhos que o conduzam à sua própria liberdade como nação e à sua própria redenção, enquanto povo, das oligarquias que o atormentam.

Penso na paz inquieta de Antonio Machado, desde sua tumba em Collioure, nos Pireneus Orientais, prolongada pela palavra de Pedro até alcançar o coração desse país monstruoso e fascinante e sua gente sertaneja, insubmissa. Para alimentar esperanças nas lutas que trava e para alimentar-se a si mesmo e a espiritualidade que arduamente constrói no seu exílio voluntário.

E chegar, por fim, ao “Canto raso”, ao verso conciso, à palavra direta, quase epigrama:

A rosa é ela.  
E, no entanto,  
somente é a rosa,  
se a cantamos.<sup>9</sup>

E a coragem suprema de renunciar ao indivíduo e realizar-se plenamente no todo, numa expressão radical da comunhão de sua fé:

---

9 “A rosa”, p. 160.

Talvez esta solidão  
seja apalpar horizontes  
onde a noite se fecha  
e andar, apesar do medo,  
quando tantos se recolhem  
ao abrigo, e a montanha  
despenca inteira em cima de nós.  
Solidão é não estar sozinho,  
é vencer a companhia  
que nos detém e ir em frente,  
com a mochila do perigo,  
consciente da fronteira  
e do destino de ser homem.<sup>10</sup>

Recupero aqui um momento do diálogo que mantive com Pedro, que nos serviu em alguns momentos como guia deste comentário que precede *O tempo e a espera*:

Você lê uma novela de autor tipicamente latino-americano e se sente envolvido, parece que convocado. Cria um tipo de simpatia caseira. Acho que essa é a maior contribuição, além da simbólica, e hoje uma paixão ecologista *avant la lettre*. Porque antes que se falasse em ecologia, nossos poetas e novelistas nos apresentavam a natureza não só como um ser vivo, mas como uma espécie de pessoa humana. Evidentemente isso é herança dos povos indígenas.<sup>11</sup>

---

10 “Talvez esta solidão”, p. 166.

11 AZEVEDO; MAUÉS, op. cit., p. 388-389.

Carregando sempre consigo uma aguda sensibilidade em relação à natureza que o cerca, Pedro não se deixa devorar pela paisagem, jamais renuncia ao amor e ao humano.

Ao final do caminho me dirão:

— Viveste? Amaste?

E eu, sem dizer nada,

abrirei meu coração cheio de nomes.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> “O coração cheio de nomes”, p. 194.





# Itinerário para leer

## *El tiempo y la espera*

Pedro Tierra<sup>1</sup>

Brasília, 20 de noviembre de 2021,  
quarenta años despues  
de la *Missa dos Quilombos*

No es la primera vez que entro por esta puerta lateral. Se abre directamente al camino de tierra y a los árboles de mango. A la derecha de los que entran, fijada en el ladrillo aparente de la pared, la imagen enmarcada, protegida por plástico que lo protege del polvo, el cartel de la primera celebración de la Misa de los Quilombos: una mano negra sostiene una cruz, sobre fondo rojo. Anuncia el acto en el Largo do Carmo, Recife, el 22 de noviembre de 1981.

Y un remo Tapirapé.

Dos mesas. En el centro, la más grande rodeada de taburetes rústicos con asientos de cuero crudo. Dos o tres sillas a la izquierda. Estructuras de metal con apoyo para los brazos sostienen una trenza de fibra plástica de color flexible que ofrece alivio y algo de comodidad a la columna vertebral curvada de los visitantes de mayor edad...

---

1 Seudónimo de Hamilton Pereira. Es un poeta nacido en Porto Nacional (1948), actualmente en el estado de Tocantins, Brasil. Coexistió y escribió con Pedro Casaldáliga la *Missa da Terra sem Males* (1979) y la *Missa dos Quilombos* (1981), *Ameríndia, Morte e Vida* (2000); otras producciones del autor: *Poemas do povo da noite* (1979); *Água de rebelião* (1983); *Dies Irae – oito testemunhos indignados e uma ressurreição* (prólogo de Pedro Casaldáliga – 1989); *A palavra contra o muro* (2013); *O porto submerso* (2005); *Pesadelo: narrativas do anos de chumbo* (2019).

Enfrente, una pequeña mesa de trabajo. Sobre ella había papeles, el diccionario, la máquina de escribir y un recipiente de barro con agua fresca. Las tazas de aluminio brillan en las servilletas bordadas. Por allí se movieron las manos invisibles de la hermana Irene. Organizadoras discretas de todo.

Esta es la sala de audiencias del Palacio Episcopal de la Prelatura... Una cortina de algodón protege la puerta de la alcoba episcopal. Aquí vive, escribe, reza y lucha Pedro Maria Casaldàliga Plá. Poeta catalán, consagrado obispo de S. Félix do Araguaia, en octubre de 1971.

El lector de *El tiempo y la espera* tendrá razón al preguntarse por el significado de esta descripción con la que abro mi comentario sobre el itinerario poético que vamos a seguir.

Vamos a convivir con una poesía despojada de adornos. Como esta sala. Buscar, desde el primero hasta el último verso, la transparencia con la que pretende acreditarse ante los ojos del lector. Legitimarse eligiendo cada palabra y el vínculo profundo con el testimonio cotidiano de la propia vida y el calvario del “*damnès de la terre*” al que el poeta busca dar voz y aliento. Fiel a la libertad y la belleza, sin miedo de sellar concesiones entre la palabra y el gesto:

Envíanos tu verbo  
y en él habitarás  
en medio de nosotros.  
Tú eres tu palabra.<sup>2</sup>

---

2 “Palabra guaraní”, p. 169.

En una larga conversación, durante los años 1990, escuché de Pedro: “Pensé por un tiempo en dejar la poesía por el apostolado. En los últimos años me he dedicado a la poesía por el apostolado mismo. Yo soy un poco palabra. Los indígenas guaraníes dicen “Tú eres tu palabra”. Si miras mis escritos, verás que hay algunas palabras permanentes y constantes. Una es **palabra**; otras son: **muerte, Dios, pueblo, tierra y esperanza**”.<sup>3</sup>

Como todo lo demás, Pedro vivía intensamente el desafío diario de escribir en condiciones precarias. No renunció a su talento para el manejo de palabras y símbolos que supo tallar con férrea voluntad y disciplina.

[...] ahí descubrí que yo realmente era la palabra. El poeta Joan Maragall dijo que la poesía es la palabra emocionada. Creo ser la mejor definición. Después de toda la retórica y las convenciones literarias, si rima, si no rima, lo que es poesía, lo que es prosa, entonces... lees o escuchas una palabra emocionada y dices: “Poesía, sin duda.” Un poeta cubano dijo que la poesía que no ayuda a motivar la vida no tiene sentido. Sospecho, con el debido respeto, pero con cierta sospecha, frente a la poesía llamada pura, aquella que no se ensucia, que no se compromete. No sé... es demasiado angelical para que sea poesía humana. No digo que la poesía deba ser panfletaria, así como la poesía religiosa no debe ser un sermón ni una homilía, y la poesía militante no debe ser un mitin, debe ser poesía. Poesía apasionada, emotiva, actitud comprometida. [nuestra traducción]<sup>4</sup>

---

3 AZEVEDO, Ricardo de; MAUÉS, Flamarion (orgs). D. Pedro Casaldáliga [entrevista realizada por Pedro Tierra en 1994]. In: *Rememória: entrevistas sobre o Brasil do século XX*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997, p. 387.

4 *Ibid.*, p. 387.

Pedro no concibió una poesía separada de la vida, narcisista, volcada sobre sí misma, ajena a los conflictos humanos que la rodean. En este sentido, refleja como espejo la práctica cotidiana de su Pastoral al frente de una “Iglesia en la Amazonía, en conflicto con el latifundio y la marginación social”, como lo indica el título del documento difundido en el momento de su consagración como obispo de São Félix de Araguaia.

*El tiempo y la espera* nos permite contemplar algunos espacios de la fecunda vida interior de este hombre profundamente entregado a la fe y a la percepción mística del mundo. Y arroja luz sobre las generosas fuentes religiosas o profanas de la tradición donde el poeta se inclina para beber la conmovedora palabra que nos ofrece más allá de los compromisos éticos y de la fe que nunca abandona. Inspiraciones de Sto. Agustín, en su diálogo existencial con lo divino.

«Ámame más, Señor, para quererte».

Búscame más, para mejor hallarte.

Desasosíégame, por no buscarte.

Desasosíégame, por retenerte.<sup>5</sup>

Sumergidas en el fondo, evocaciones de S. João da Cruz y Teresa de Ávila, lejanas en el tiempo, hasta la deslumbrante generación del cambio de siglo XIX al XX, Machado, Jiménez, Cernuda, Lorca... atrapados por la misma Tormenta que marcaría definitivamente su propia vida: la guerra civil española.

---

5 “Agustiniano”, p. 73.

En su trabajo diario elaborando la palabra, Pedro no renuncia a las exigencias permanentes de la poesía, al compromiso con la belleza y la libertad que le dan su fundamento, que la diferencian de otras expresiones estéticas, literarias o no.

Mientras se dedica a la convivencia – en el sentido radical de comunión cristiana – y al trabajo de organizar la lucha por la supervivencia de las comunidades indígenas, los okupas, los peones que lo rodean, Pedro, al mismo tiempo, trabaja la palabra como quien temple una espada toledana... Busca lograr la recta sencillez de la hoja porque cree con ella herir el corazón de quien la lee.

Para moverte y hacerte pensar:

Creo que mi poesía es clara, casi transparente, y no creo que por eso sea menos poesía. Por supuesto, la poesía no puede ser explicativa, debe sugerir, provocar. [nuestra traducción]<sup>6</sup>

Al repasar los sonetos que abren este *El tiempo y la espera*, diría quizás para completar, la poesía debe causar asombro, seducir, encantar e incorporarse a la conciencia como realidad vivida. Este es el conocimiento de la verdad necesario en una sociedad marcada por el conflicto. No el conocimiento que resulta de la observación neutral de la vida, sino uno que exige de Pedro el compromiso de la denuncia profética de cualquier forma de violencia y negación de la libertad humana.

---

6 AZEVEDO; MAUÉS, op. cit., p. 388.

Mediterráneamente luminosa  
escancio en mi palabra cada cosa,  
vaso de luz y agua de verdad.

Si el Verbo se hace carne verdadera,  
no creo en la palabra que adultera.  
Yo hago profesión de claridad.<sup>7</sup>

En ese sentido profundo que la poesía sabe ser, de alguna  
manera, el rostro imposible de la verdad...

Si cedéis ante el Imperio  
la Esperanza y la Verdad  
¿quién proclamará el misterio  
de la entera Libertad?

Si el Señor es Pan y Vino  
y el Camino por do andáis,  
si al andar se hace caminho  
¿qué caminos esperáis?<sup>8</sup>

Abran los “Salmos” para dialogar con los versos del poema central de la generación del 98:

Caminante, no hay camino,  
se hace camino al andar,

---

7 “Claridad”, p. 57.

8 “Preguntas para subir y bajar el Monte Carmelo”, p. 94.

de un país sometido a los designios del Imperio, desafiado a inventar caminos que conduzcan a su propia libertad como nación y a su propia redención, como pueblo, de las oligarquías que lo atormentan.

Pienso en la paz inquieta de Antonio Machado, desde su tumba en Collioure, en los Pirineos Orientales, prolongada por las palabras de Pedro hasta llegar al corazón de este país monstruoso y fascinante y su gente del campo, insumisa. Para alimentar la esperanza en las luchas que libra para alimentarse a sí mismo y a la espiritualidad que con tanto esfuerzo construye en su exilio voluntario.

Y finalmente llegar, al “Canto raso”, al verso conciso, a la palabra directa, casi epigrama:

La rosa es ella.  
Y, sin embargo,  
solamente es la rosa  
si la cantamos.<sup>9</sup>

Y el valor supremo para renunciar al individuo y realizarse plenamente como un todo, en una expresión radical de la comunión de su fe:

Quizás esta soledad  
sea palpar horizontes  
donde la noche se cierra  
y andar, a pesar del miedo,  
cuando tantos se recogen

---

9 “La rosa”, p. 161.

al abrigo, y la montaña  
se nos viene toda encima.  
Soledad no es estar solo,  
es vencer la compañía  
que nos detiene y seguir,  
con la mochila del riesgo,  
consciente de la frontera  
y el destino de ser hombre.<sup>10</sup>

Aquí recuerdo un momento del diálogo que tuve con Pedro, quien nos sirvió por momentos de guía para este comentario que precede a *El tiempo y la espera*:

Lees una novela de un autor típicamente latinoamericano y te sientes involucrado, parece que estás invitado. Crea una especie de simpatía hogareña. Creo que este es el mayor aporte, además del simbólico, y hoy una pasión ecológica *avant la lettre*. Porque antes de hablar de ecología, nuestros poetas y novelistas nos introdujeron a la naturaleza no solo como un ser vivo, sino como una especie de persona humana. Evidentemente esta es la herencia de los pueblos indígenas. [nuestra traducción]<sup>11</sup>

Llevando siempre consigo una aguda sensibilidad por la naturaleza que le rodea, Pedro no se deja devorar por el paisaje, nunca renuncia al amor y a lo humano.

---

10 “Quizás esta soledad”, p. 167.

11 AZEVEDO; MAUÉS, op. cit., p. 388-389.



Al final del camino me dirán:  
—¿Has vivido? ¿Has amado?  
Y yo, sin decir nada,  
abriré el corazón lleno de nombres.<sup>12</sup>

---

12 “El corazón lleno de nombres”, p. 195.